

IMAGENS, PEDOFILIA E MEMÓRIA EM UMA REVISTA NA DÉCADA DE 1990¹

Images, pedophilia and memory in a magazine in the 1990s

Luciano de Pontes Paixão²

Francisco Ramos de Farias³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre memória, pedofilia e as imagens publicadas na *Gaie France*, a qual defendia que os adultos tinham o direito em fazer sexo com crianças e adolescentes no início da década de 1990. Com essa diretriz, a pesquisa buscou responder às seguintes questões: quais eram os objetivos da *Gaie France* com as publicações das imagens e qual era a relação desses recursos visuais com a memória construída pela revista? Por meio de pesquisa qualitativa, a metodologia adotou os estudos semióticos e a criação de eixos temáticos. Os resultados apontam que as imagens publicadas na *Gaie France* concediam, às pessoas que faziam parte da revista, o sentido de pertencimento a um grupo e a formação de uma identidade mesclada com argumentos sobre pedofilia e dominação masculina, por meio de uma memória compartilhada. A relação entre as imagens e a memória era construída com o uso do revisionismo ideológico, pautado no anacronismo e na seletividade de fatos do passado. Além disso, as imagens e a memória eram usadas como armas políticas com o interesse de obter transformações na sociedade.

Palavras-Chave: Imagens. Pedofilia. Memória.

¹ Cabe explicar que somos, veementes, contra qualquer tipo de crime sexual, principalmente, contra crianças e adolescentes. A ideia neste artigo é mostrar como os discursos sobre a pedofilia são construídos nas imagens publicadas em uma revista na década de 1990 e problematizar o assunto para que a sociedade possa encontrar soluções em termos de políticas públicas. É impossível criar estratégias para a resolução de um problema sem dados objetivos e científicos.

² Doutor em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em Memória Social (UNIRIO). Possui Especialização em Saberes e Práticas na Educação Básica com Ênfase no Ensino de História (UFRJ) e Graduação em História (UNISUAM). Professor de História no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ/FAETEC). E-mail: lu.historiador@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2864-6551>

³ Pós-Doutorado pela Université de Paris – SHS Sorbonne. Doutor em Psicologia, área Psicologia Cognitiva, pela Fundação Getúlio Vargas. Professor Titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social. E-mail: francisco.farias@unirio.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2966-077X>

ABSTRACT

This article aims to analyze the relationship between memory, pedophilia and the images published in *Gaie France*, which defended that adults had the right to have sex with children and adolescents in the early 1990s. With this data, the research sought to answer the following questions: what were the objectives of the *Gaie France* with the publication of the images and what was the relationship of these visual resources with the memory constructed by the magazine? By means of qualitative research, the methodology adopted semiotic studies and the creation of thematic axes. The results indicate that the images published in *Gaie France* offered people who were part of the magazine a sense of belonging to a group and the formation of an identity mixed with arguments about pedophilia and male domination, through a shared memory. The relationship between images and memory was built with the use of ideological revisionism based on anachronism and selectivity of past facts. Moreover, images and memory were used as political weapons in the interest of transforming society.

Keywords: Images. Pedophilia. Memory.

1. Introdução

As imagens apresentadas neste artigo fazem parte de um acervo publicado em uma revista francesa traduzida para a língua portuguesa na década de 1990. Esse meio de comunicação nos chama a atenção pelo uso recorrente de assuntos vinculados a crianças e adolescentes em imagens, artigos, textos históricos e reportagens. Entretanto, torna-se oportuno informar que esse tipo de abordagem com menores de idade teve como fonte geradora a *Gaie France Magazine*, a qual buscava conectar-se com seu público, oferecer cultura e informação e conquistar a leitura de suas edições por um número maior de leitores. Fundada, em 1986, pelo francês, jornalista e tradutor Michel Caignet, a revista foi publicada até o ano de 1993. A publicação era vendida na França, na província de Québec e em outros países: Itália, Bélgica, Holanda, Luxemburgo (edições francesas), Portugal e Brasil (edições portuguesas).

A versão portuguesa – com o título *Gaie France* – foi lançada em junho de 1992 e a sua última publicação foi em dezembro de 1993. A revista

era bimestral e coordenada por editores portugueses. Eram inseridas algumas poucas questões informativas e de entretenimento referentes a Portugal e ao Brasil. O que alimentava a *Gaie France*, no entanto, eram os conteúdos retirados das edições da França. Desse modo, a versão francesa não só serviu de inspiração, como também de base estrutural para a versão portuguesa⁴. No geral, os assuntos das seções da revista traduzida tratavam sobre temas como Sexualidade, História, Memória, Cultura, Literatura e Mitologia. Em todas as edições da *Gaie France*, havia um discurso direto defendendo à pedofilia, incluindo muitas fotos de meninos completamente nus e seções que vendiam fotos e vídeos com esse tipo de abordagem⁵.

Com base nessas informações, constatamos que é necessário informar alguns pontos conforme a literatura especializada. Primeiro, a pedofilia é classificada pelo CID-10 (1993) como uma preferência sexual de adultos (e adolescentes) por crianças ou uma parafilia. O documento menciona a definição de parafilia caracterizada por anseios, fantasias, comportamentos sexuais recorrentes e intensos, envolvendo objetos, atividades e situações incomuns. Essas situações podem causar sofrimento clinicamente significativo, prejuízo no funcionamento social e ocupacional em áreas importantes da vida do indivíduo.

No caso do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5 (2014), o fenômeno é indicado como transtorno pedofílico, uma parafilia na qual um adulto ou adolescente apresenta, por um período de, pelo menos, seis meses, fantasias sexualmente excitantes ou impulsos sexuais intensos e recorrentes envolvendo atividade sexual com crianças pré-púberes. Ademais, o Manual pontua que o interesse sexual por crianças pode ser maior ou igual ao interesse sexual por indivíduos fisicamente maduros e que os impulsos ou as fantasias sexuais causam sofrimento

4 Por exemplo, os artigos, os textos históricos, as reportagens e os recursos visuais da versão francesa eram reproduzidos na versão portuguesa. A única diferença era o idioma. Esta conclusão foi obtida com a análise de duas edições francesas: 1) *Gaie France Magazine*, n. 30, França, 1992; 2) *Gaie France Magazine*, n. 34, França, 1992.

5 A *Gaie France* defendia os mesmos interesses sociais e políticos da sua matriz e era também uma associação inserida no movimento de ativismo pedófilo. Convém ressaltar que os militantes dessa causa buscam, ainda nos dias atuais, a naturalização e a descriminalização da pedofilia. Inclusive, as pessoas que fazem parte desse movimento social dizem repudiar a ideia de violência para a aquisição do prazer sexual com uma criança ou um adolescente e pregam ser natural o envolvimento amoroso e sexual de pessoas, independentemente de suas idades, desde que haja o mútuo consentimento (PAIXÃO, 2018).

intenso ou dificuldades interpessoais. Porém, em situações de declarações de ausência de sentimento de culpa, vergonha ou ansiedade em relação a esses impulsos, essas pessoas, então, apresentam desejo sexual pedofílico, mas não transtorno pedofílico.

O outro ponto é que não há nenhum documento legal brasileiro que reconheça a pedofilia como um crime no Brasil. E nem todo pedófilo é criminoso. Ele pode passar a vida toda sem abusar de uma criança ou um adolescente. E nem todo abusador de menores de idade é um pedófilo, pois o que caracteriza o crime não é a pedofilia, mas o abuso sexual. Nesse sentido, pessoas que sentem atração preferencialmente por adultos também podem abusar sexualmente de jovens, ou seja, nem toda pessoa que abusa sexualmente de crianças e adolescentes deve ser chamada de pedófilo. De acordo com Lowenkron (2016, p. 83), no final do século XX “a violência sexual contra crianças foi denunciada como segredo da sociedade e da família patriarcais e associada às desigualdades de poder entre homens e mulheres e adultos e crianças”. A ênfase, antes limitada à questão de gênero, passou a ser colocada na idade. Em outras palavras, “se antes a violência era entendida como um problema relacionado à desigualdade entre homens e mulheres, no final do século XX ela passou a ser vista muito mais como uma questão relacionada à desigualdade entre crianças e adultos” (LANDINI, 2006, p. 251). Lowenkron (2013, 2016) acrescenta que a unidade doméstica é o espaço privilegiado do abuso infantil e que a pedofilia é apenas uma entre outras possibilidades de nomear o fenômeno das “violências sexuais contra crianças e adolescentes”. A autora cita outras possibilidades como, por exemplo, a participação de menores de idade em produções de materiais de “pornografia infantil” e a exploração sexual de crianças.

Essas questões que envolvem os significados e as peculiaridades do tema pedofilia são relevantes. É importante registrar, contudo, que o abuso sexual – contra crianças e adolescentes – ocorre em contextos de relações assimétricas de poder, em que há uma desigualdade tanto de idade quanto no grau de maturidade. Além disso, os adultos que executam esse crime sexual submetem os menores de idade a situações que não correspondem ao seu desenvolvimento psicológico e corporal.

Voltando ao objeto de estudo desta pesquisa, a *Gaie France* se comunicava com os seus leitores por meio de imagens. Sendo assim, vale explicar que os recursos visuais publicados na revista representavam um gênero narrativo específico. Faziam parte desse acervo fotografias, reproduções de pinturas e de desenhos nas cores pretas e brancas e coloridas. As imagens eram públicas e não cumpriam apenas a tarefa de exemplificar ideias, ilustrar a capa da revista ou complementar os artigos, textos históricos, reportagens ou poemas. Na verdade, as imagens ganhavam uma posição de destaque na revista, pois, muitas vezes, esses recursos imagéticos eram impressos nas páginas na mesma proporção de tamanho que os textos em linguagem escrita e verbal. Além disso, o uso das imagens era uma maneira de ordenar, fornecer informações, de forma simples e direta aos leitores, e fundamentar os discursos defendidos pela *Gaie France*. Por esses motivos, decidimos analisá-las.

Em relação às imagens publicadas na *Gaie France*, podemos mencionar, adicionalmente, outras duas informações relevantes. A primeira trata do fato de que os recursos visuais podem ser produzidos com diferentes recortes, seleções, propósitos e ênfases com o intuito de afetar a maneira de recepção e interpretação das pessoas que compravam a revista. Por isso, é necessário observar que as imagens nos oferecem discursos sob o viés político da *Gaie France* e das pessoas que faziam parte de sua construção como, por exemplo, os diretores, coordenadores, editores, redatores, jornalistas, fotógrafos, pintores e desenhistas.

A segunda informação indica que uma parte dos conteúdos da *Gaie France* – cartas dos leitores, seções informativas e de entretenimento – já foi analisada em uma primeira pesquisa (PAIXÃO, 2018). Esse conhecimento prévio contribuiu ao pesquisador: a formulação de questões e hipóteses; a adição de significados aos dados nesta pesquisa; e a ampliação das informações acumuladas em relação ao objeto de estudo. Somado essas contribuições, o primeiro estudo revelou que a *Gaie France* concedia um valor significativo à memória e à pedofilia. Esses temas são apresentados nas imagens publicadas na revista.

Em se tratando de memória, torna-se pertinente explicar que esse fenômeno envolve um processo dinâmico, no qual pode surgir uma

multiplicidade de definições e sentidos, de acordo com os sujeitos sociais envolvidos e com o contexto da época. Para Gondar (2016), a memória é polissêmica, ou seja, comporta diferentes significações e uma variedade de sistemas de signos. Um desses signos é a imagem. Esse instrumento, além de ser uma forma de comunicação, também pode ser considerado uma fonte de história e de memória, justificado pelo fato de carregar informações do passado de um grupo social ou de um meio de comunicação. Ratificando essa questão, Silva (2016) pontua que as imagens, em termos investigativos e de forma qualitativa, possibilitam a disponibilidade de uma documentação visual importante para o campo da memória social, devido ao seu caráter de testemunho, e contribuem para o estudo sobre as relações entre realidade, registro e representação visual. Considerando essas informações, este artigo pretende responder às seguintes questões: quais eram os principais objetivos da *Gaie France* nas publicações das imagens e qual era a relação desses recursos visuais com a memória construída pela revista?

A presente pesquisa se caracteriza como uma investigação qualitativa. A primeira etapa da pesquisa foi iniciada com a seleção das edições da *Gaie France* de número 1 ao 9. Estas edições foram analisadas de forma sequencial, porque alguns assuntos estendiam-se em edições diferentes. A segunda etapa ocorreu com o uso dos estudos semióticos que nos permitiu identificar temáticas comuns que se repetiam nas imagens. Essas semelhanças possibilitaram a construção de cinco eixos temáticos que têm conexões com a memória e com os discursos construídos sobre a pedofilia na *Gaie France*. Os eixos temáticos são: 1) Memória, história e cultura; 2) Identidade do pedófilo; 3) Modelos fotográficos e memória; 4) Perfil dos jovens; 5) Leis e consentimento. A terceira etapa foi realizada com as discussões dos eixos temáticos, apoiadas na literatura científica especializada. A análise nos permitiu entender as peculiaridades das imagens e responder às questões deste estudo. Mas, antes de apresentar a análise e as discussões, torna-se importante, primeiramente, realizar alguns apontamentos sobre a revista *Gaie France* que nos ajudarão a compreender melhor as imagens.

2. Memória, pedofilia e a *Gaie France*

Desde o início até a última edição, a *Gaie France* demonstrou a preocupação em construir uma memória própria. Essa preocupação era demonstrada pelo uso recorrente de imagens que abordavam a história. A motivação era oferecer referências e uma identidade cultural para o seu público. Nesse processo de construção, a revista recuperou, selecionou e divulgou determinados fatos do passado, de diferentes períodos históricos, a fim de atualizá-los e para produzir novos conhecimentos e saberes.

Com esse exemplo da *Gaie France*, podemos destacar algumas características importantes a respeito da memória. Segundo Halbwachs (2013), a memória não é algo pronto e estático, mas sim constituída em processos dinâmicos no meio social. O autor conceitua a memória como uma reconstrução, individual e coletiva, do passado “com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (HALBWACHS, 2013, p. 91). Pollak (1992) complementa que a memória é seletiva, nem tudo fica registrado, e negociada entre seus criadores, levando a ideia de que lembranças e esquecimentos são duas faces de uma mesma moeda.

As seleções da *Gaie France* destacavam alguns pontos: duas etapas da vida, a fase da infância e da adolescência; um padrão étnico, branco e europeu; e algumas características, a juventude, a masculinidade e o aspecto viril. Esses pontos são muito evidentes nas publicações das imagens na revista e serão apresentadas e discutidas, mais adiante.

Outras seleções da *Gaie France* eram os fatos do passado discutidos em artigos, textos históricos e reportagens que forneciam personagens e culturas diversas aos leitores. Essas publicações tinham a missão de construir uma memória representativa para as pessoas envolvidas na revista e legitimar o relacionamento amoroso e sexual de adultos com menores de idade. O trecho, a seguir, da *Gaie France* defende a tese de que em vários períodos da história, o amor e o sexo de adultos com crianças e adolescentes

foi aprovado e legitimado por diversas sociedades. La Marche (n. 9, 1993a, p. 24) apresenta uma citação do escritor Gabriel Matzneff⁶:

Muitas são as civilizações que consideravam crianças e adolescentes, de um e de outro sexo, como os seres destinados a inspirar um amor ardente. Os jovens celebrados pelos poetas gregos e latinos, persas e árabes, na Idade Média e no Renascimento, pela antiga China e antigo Japão, são apenas raparigas e rapazes púberes ou impúberes. Em relação à Europa moderna, o amor pelos menores de dezesseis anos reinou até a Revolução Francesa.⁷

Mas, para que essas ideias fizessem sentido para os leitores da *Gaie France*, era necessário mais do que apenas indicar personagens e culturas do passado. Era de extrema importância revisar a história e constituir uma historiografia paralela, autêntica, forte que pudesse combater as histórias oficiais e, simultaneamente, conquistar legitimidade política e científica. Um dos fenômenos mais preferidos pelos autores da *Gaie France* era a pederastia. A abordagem desse fenômeno era uma estratégia argumentativa e uma prática editorial da revista. Tratava-se do uso do revisionismo ideológico, pautado no anacronismo e na seletividade de fatos do passado. Considerando essa informação, torna-se relevante distinguir os dois revisionismos: o historiográfico e o ideológico.

Não é raro, no percurso acadêmico de um historiador, o trabalho de revisão do passado quando surgem novas fontes históricas, hipóteses e novos questionamentos. Em linhas gerais, todo projeto historiográfico que busque a inovação é considerado revisionista. Não há problema nisso. De fato, o passado precisa ser reescrito e submetido a um processo de revisão, visto que nenhum conhecimento é definitivo. Nesse processo, não significa que os valores ideológicos estejam totalmente ausentes ou que o pesquisador precisa, necessariamente, ser neutro ou imparcial em suas análises do passado como se ele fosse um robô a-histórico. Por outro lado,

6 La Marche foi um autor muito presente nos conteúdos da *Gaie France*. Em todas as edições da revista, há um texto de sua autoria publicado. E o escritor Gabriel Matzneff é um representante, na literatura francesa, que reivindica a dissociação entre relação sexual com jovens e violência.

7 LA MARCHÉ, Franck de. A origem da pederastia: a arte do disfarce. *Gaie France*. n. 9, Lisboa: Associação Alexandre, p. 24-29, nov./dez. 1993a, p. 24.

o revisionismo historiográfico não significa uma opinião sobre o passado reescrito. O revisionismo historiográfico é caracterizado pelo interesse de avançar o conhecimento a partir de novas pesquisas, descobertas documentais e perspectivas teóricas. Apresenta uma série de questões que o tornam científico: a objetividade analítica, a ética e a argumentação contextualizada; o respeito às fontes e a crítica documental; a explicação das perspectivas metodológicas baseada em conceitos e categorias de análise; uma constante avaliação pelos pares e um debate coletivo, o que permite refletir criticamente sobre o conhecimento gerado (NAPOLITANO, 2021).

No caso do revisionismo ideológico, a situação é diferente. Configura um uso abusivo do passado executado por governos, elites, grupos políticos, econômicos e religiosos cujo objetivo é distorcer os processos históricos em prol de lutas políticas atuais envolvendo uma visão pré-construída acerca de um tema histórico, quase sempre polêmico e a defesa de uma tese dada *a priori* sobre o passado incômodo e sensível. Napolitano (2021) destaca que, em contraposição ao historiográfico, o revisionismo ideológico trabalha com a reinterpretação de processos históricos a partir de motivações e ideologias do analista, enquadrando e limitando as argumentações a esses elementos. Nesse revisionismo ocorre falta de ética, a manipulação ou a omissão de documentos, a descontextualização dos processos históricos sem crítica, a abordagem de fatos antigos de maneira simplista e equivocada, a generalização de comportamentos do passado, distorções metodológicas e não há debate entre os pares. No revisionismo ideológico, o interesse de seus agentes não é ampliar o conhecimento sobre o passado, mas destruir esse conhecimento por meio de uma explicação enviesada sobre dados e processos históricos polêmicos e de uma perspectiva ideológica, moral e avaliativa, mas devidamente oculta nos discursos manipulados.

Uma forma do revisionismo ideológico ser efetivado é pelo uso do anacronismo – quando valores e costumes do passado são projetados no presente – e da seletividade intencional das fontes. Funari (2021) ressalta que a manipulação do anacronismo constitui um meio privilegiado, na medida em que passado e presente são misturados, tornando tempos diversos como iguais, “a serviço da inclusão ou da exclusão social, da abertura ao ‘outro’ ou do preconceito, da liberdade ou da opressão, da convivência ou

da intolerância” (FUNARI, 2021, p. 116). Na prática, os anacronismos são modos variados de interpretação e, por isso, apresentam um caráter plural, no sentido de que podem ter diferentes configurações e ser utilizados para diversos objetivos, incluindo justificar algo no presente, por meio da manipulação ou invenção de informações.

No caso da *Gaie France*, constantemente, em suas páginas, o passado era submetido a um processo de revisionismo ideológico e, a partir dele, era construída uma associação intencional e indevida de costumes e valores da Grécia Antiga com questões sexuais da sociedade moderna. Um exemplo de revisionismo ideológico e de anacronismo utilizado pela *Gaie France* pode ser encontrado em um texto de La Marche (1993b), no qual ele salienta a naturalidade do fenômeno, a importância e a aprovação concedida por civilizações do passado a respeito de um “acompanhamento temporário” de um adulto com um jovem que englobava momentos eróticos e lúdicos. La Marche (n. 8, 1993b, p. 77) conclui que,

Em termos de natureza, quer dizer de comportamento próprio do homem (e talvez de outras espécies animais), a pederastia inscreve-se no processo normal de maturidade psicológica, física, social e sexual do jovem adolescente no meio da puberdade. Todas as civilizações de todas as épocas estiveram de acordo sobre a importância de um acompanhamento temporário do rapaz por uma pessoa mais velha do mesmo sexo; todas admitiram que este acompanhamento devia traduzir-se por trocas eróticas, com caráter de iniciação, mas também lúdico.⁸

Dessa forma, a pederastia – que originalmente significava amantes de garotos – era utilizada como carro-chefe pela *Gaie France* como uma estratégia para explicar, aos seus leitores, que as práticas sexuais entre menores de idade e adultos eram antigas, aprovadas e legitimadas por outras civilizações do passado e, portanto, tais atitudes deveriam ser aceitas e legitimadas pela sociedade nos tempos contemporâneos. Era uma tentativa de justificar comportamentos do presente, baseados em fatos do passado. Nesse caso, recorrer ao passado implicava construir uma interpretação sobre

8 LA MARCHE, Franck de. Atentado ao pudor: Segunda parte. *Gaie France*. n. 8, Lisboa: Associação Alexandre, p. 52-77, set./out. 1993b, p. 77.

ele, disputar significados e desencadear ações, visando não só ao presente, mas também ao futuro. A relação entre memória, história, presente e futuro é comentada por Le Goff (1996, p. 471) quando ele afirma que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. Logo, a memória construída na *Gaie France* fazia parte de um projeto de transformação social no presente e a produção de um futuro. Um tipo de futuro, no qual os discursos dos artigos, dos textos históricos, das reportagens e das imagens da *Gaie France* sobre a pedofilia deveriam ser colocados em destaque.

Convém dizer que algumas categorias contemporâneas sobre sexualidade não podem ser explicadas com base em fenômenos do passado, principalmente, tratando-se da Grécia Antiga. Não é possível afirmar que na Grécia Antiga havia homossexualidade. Na realidade, havia relações sexuais e afetivas entre homens, mas isso não era homossexualidade. Por exemplo, a possibilidade de casamento e adoção são questões do período contemporâneo e não existiam no imaginário grego antigo. Os gregos não compreendiam o amor pelo seu próprio sexo e ou pelo sexo oposto como dois tipos de relacionamentos opostos, de forma binária, como nós contemporâneos interpretamos. As linhas de marcação não seguiam tal fronteira (ARIÈS, 1986; COSTA, 1992).

Também não era comum relações sexuais entre adultos e jovens fora de uma prática educacional. A relação sexual compunha uma estética de si, um cuidado de si, um aprimoramento dos jovens filosóficos com o seu mestre. Isso representava mais que um encontro carnal de prazer sexual. O que para nós, contemporâneos, é chocante, perverso e um grave desrespeito aos adolescentes, em outros tempos e lugares, era considerada uma prática natural, normal e benéfica para os cidadãos gregos. Vale registrar que a pederastia implicava atos sexuais, porém o abuso sexual frequente dos jovens, sem uma intenção pedagógica, não era bem visto na sociedade grega. Por isso, a instituição da pederastia não deve ser confundida com pedofilia e abuso sexual porque esses conceitos não existiam na Grécia Antiga (JAEGER, 1995; (VRISSIMTZIS, 2002).

A produção da revista servia como literatura para as diversas associações do movimento de ativismo pedófilo existentes no mundo e para os

leitores da *Gaie France*. Todavia, o meio de comunicação dizia defender a memória e os direitos da comunidade *gay* na década de 1990, mas essa atitude não passava de uma estratégia para escapar das pressões e críticas sociais. Na verdade, a *Gaie France* estava interessada em construir uma memória em consonância aos interesses do movimento de ativismo pedófilo. Isso é perceptível nos conteúdos publicados na revista que abordavam crianças e adolescentes de forma recorrente.

É oportuno lembrar que os dois movimentos sociais são diferentes e apresentam objetivos distintos. O movimento LGBTQIA+ – sigla que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexo e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero – busca visibilidade, direitos civis e a criminalização da LGBTIfobia, objetivando uma vida melhor e mais digna de sujeitos, histórico e socialmente discriminados, cujo direcionamento do desejo é uma variação normal e positiva da orientação sexual humana. Por outro lado, o movimento de ativismo pedófilo defende uma prática sexual que transita no campo da ilegalidade, além de não considerar a vulnerabilidade de crianças e adolescentes e as consequências nocivas de tal prática em suas vidas.

Outro ponto que merece ser lembrado diz respeito às normas jurídicas que já estavam em vigor na época de circulação da *Gaie France*. A Constituição Federal (1988) trouxe avanços importantes com relação aos direitos fundamentais de crianças e adolescentes, como seres humanos especiais. O documento representa a preocupação da sociedade brasileira frente às situações de violência sofridas por jovens, incumbindo a todos – família, sociedade e Estado – o dever de garantir à criança o usufruto de seus direitos. No mesmo sentido, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) colocou crianças e adolescentes a salvo de qualquer violação de seus direitos fundamentais. No artigo 5º, a garantia de prioridade compreende que nenhuma criança ou adolescente “será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma de lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 2013, p. 10). Essa mudança nas normas jurídicas representou uma reestruturação das políticas de proteção à

juventude em termos de direitos humanos e significou uma nova concepção dos adultos em relação à infância e à adolescência.

Em se tratando da França, vale mencionar que a *Gaie France Magazine* foi proibida de ser vendida a menores, por decreto ministerial de 27 de maio de 1992, por incitamento à pedofilia⁹. Em 2018, o governo da França reforçou a penalização contra a violência sexual, ampliando o prazo de prescrição de 20 para 30 anos dos crimes sexuais contra menores de idade e fixando em 15 anos a idade mínima de consentimento para ter relações sexuais¹⁰.

3. *Análise das imagens e eixos temáticos*

Como já foi citado, anteriormente, optamos por utilizar os estudos semióticos objetivando extrair o máximo de informações possíveis das imagens. Santaella (2012, p. 19) argumenta que a “semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”. A autora, ainda, especifica que a Semiótica é o estudo dos signos. Para ela, “o signo é uma coisa que representa outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma coisa diferente dele” (SANTAELLA, 2012, p. 90). Buscamos, então, identificar e decifrar os signos – que consistem em todos os elementos que representam e carregam significados e sentidos atribuídos nas imagens –, e os seus objetos nas edições publicadas na *Gaie France* entre junho de 1992 a dezembro de 1993. Convém pontuar que as imagens dialogavam com os artigos, os textos históricos, as reportagens e os poemas. Esses materiais nos ajudaram a analisar as imagens.

9 Resolução de 27 de maio de 1992 proibindo a venda de revista a menores. *Légifrance. Le service public de la diffusion du droit*. Disponível em: <https://www.legifrance.gouv.fr/jorf/id/JORFTEXT000000527183>. Acesso em: 05/05/2023.

10 Governo da França endurece legislação contra violência sexual. *Exame*, 2018. Disponível em: <https://exame.com/mundo/governo-da-franca-endurece-legislacao-contra-violencia-sexual/>. Acesso em: 05/05/2023.

Os dados encontrados, a partir dos estudos semióticos, foram organizados em blocos e com coerência. Essa forma de planejamento possibilitou limitar e analisar os conteúdos, separadamente e de maneira eficaz, com conexões com os temas principais da pesquisa: a pedofilia e a memória.

No que diz respeito às imagens apresentadas neste artigo, apresento três observações. A primeira tem a ver com o nosso momento atual, no que se refere às novas tecnologias, ao uso da internet e às informações falsas que surgem e desaparecem de forma muito rápida e instantânea, muitas vezes, sem contextos, sem explicações calcadas na Ciência, as chamadas *Fake News*. Nesse cenário de efemeridade, alguns segmentos da sociedade manipulam e retiram informações de um contexto e aplicam em outro, com o intuito de prejudicar outras pessoas.

Por esse motivo, é oportuno e relevante destacar que a presente pesquisa não visa dar voz à *Gaie France* ou proporcionar, aos responsáveis pela revista, a oportunidade para que expressem os seus próprios argumentos sobre um tema tão complexo, delicado e que causa reações de medo, de ódio e de repulsa na população quanto à possibilidade de um adulto abusar, sexualmente, de uma criança ou um adolescente. As imagens reforçam crenças, memórias e posicionamentos políticos e revelam uma realidade difícil, chocante, cruel e estarrecidora. Porém, aqui é um espaço acadêmico, de construção de conhecimento e de debate. Por esses motivos, abordar esses recursos visuais é importante e necessário porque envolve um problema social emergente, grave e desigual que está enraizado em nossa cultura. É fundamental trazer para o debate público essas questões para que a sociedade, ainda omissa em relação aos problemas que as crianças e os adolescentes enfrentam, tenha ciência desse fato e possa, de alguma forma, criar estratégias mais eficazes em defesa desses jovens. A *Gaie France* não representa um caso isolado do passado. A revista reflete demandas da nossa sociedade que ainda estão presentes no nosso cotidiano.

A segunda observação expressa a nossa decisão de colocar uma tarja nos rostos para dificultar a identificação das pessoas. Trata-se de sujeitos que ainda podem ser reconhecidos. Apesar de as imagens já terem sido publicadas, o fato de seu conteúdo ser de acesso público e a *Gaie France* não apresentar nenhuma restrição em relação a pesquisas acadêmicas, a

atitude de ocultação da identidade das pessoas representa uma questão de ética na pesquisa. A terceira e última observação pontua que algumas imagens apresentavam legendas e referências.

3.1 *Memória, história e cultura*

Desde os tempos mais antigos, os seres humanos utilizam as imagens para expressar seus sentimentos, sua interpretação a respeito do mundo e para produzir conhecimento e memória às gerações futuras. Assim, os recursos visuais podem carregar, guardar e registrar fatos sociais. Isso não foi diferente na *Gaie France*. A revista era marcada pelo visual e apresentava, em suas páginas, imagens que pudessem acessar o passado, a história e determinadas culturas. A importância dada aos contextos históricos é inquestionável. Esse fato revela que o seu leitor necessitava de informação, de referências históricas, culturais e estéticas. Para tanto, a *Gaie France* recuava no tempo e fazia coexistir, em um mesmo espaço, informações e fenômenos de períodos diferentes.

Não obstante, esse recuo temporal na revista representava uma característica peculiar nas imagens. Como já mencionado, a *Gaie France* utilizava o revisionismo ideológico e o anacronismo quando abordava a pederastia, com o intuito de justificar a relação sexual e amorosa de adultos com jovens no presente e, conseqüentemente, obter direitos sociais e políticos. Por isso, a fim de compreendermos esses recursos visuais, precisamos abordar o significado de pederastia na cultura da Grécia Antiga e realizar uma desvinculação dos costumes e valores da antiguidade utilizados na *Gaie France* como justificativa para questões da sociedade moderna.

A pederastia é um fenômeno antigo e estava inserida na Paideia. Jaeger (1995) conceitua a Paideia como uma ampla cultura que reunia todos os aspectos da vida humana grega ou um sistema educacional integral voltado para a formação do cidadão perfeito. Nela, a memória desempenhava um papel fundamental, pois sem essa capacidade de armazenar informações, não haveria educação, cultura e civilização. A transmissão dos costumes e tradições do passado às gerações futuras era imprescindível para manter

o modelo de vida social e estava associada a conceitos como atos heroicos, religião, estética, amizade, amor e moralidade. Dessa maneira, o cidadão grego convivia, diariamente, com regras conhecidas por todos e precisava tornar-se um reproduzidor da ordem sociopolítica. Sua identidade era construída, inseparavelmente, dos valores sociais e éticos/morais que lhe eram reconhecidos pela comunidade dos cidadãos.

Nesse contexto, as éticas sexuais gregas eram, sobretudo, referidas aos chamados amores masculinos ou juvenis e tinham como modelo as relações pederásticas que monopolizavam o imaginário social antigo. Era comum e legítimo o relacionamento sexual entre professor e aluno, considerado o relacionamento mais sublime entre dois homens. Esse tipo de comportamento não causava espanto, indignação ou revolta nas pessoas e era permitido e encorajado pela sociedade e legitimado pelo Estado. Tratava-se de uma prática social e educacional, ou seja, uma prática pedagógica que, de acordo com os princípios morais da época, conduzia o jovem a participar desse tipo de relacionamento para, assim, estar bem preparado para ser um cidadão grego por completo. Era um aspecto importante da vida militar, civil, artística e filosófica do futuro cidadão. Vrissimtzis (2002) defende que a pederastia era uma instituição pedagógica, na qual um adulto educado era incumbido de transmitir seus conhecimentos e experiências a um adolescente e de ajudá-lo a se tornar um cidadão responsável. O adulto, por sua vez, apreciava e desfrutava a beleza, a força e o vigor do jovem. Havia, pois, uma transmissão recíproca, criada para benefício de ambos.

Essa instituição pedagógica era, frequentemente, recuperada do passado e representada nas imagens da *Gaie France*. A Figura 1 reflete a arte de educar, de transmitir conhecimentos e os papéis sociais entre o adulto com barba – como professor – e o jovem sem pelos na face – na condição de aprendiz –, ambos ligados ao contexto da cultura da Grécia Antiga, fazendo parte dos chamados amores masculinos ou juvenis. Na Figura 2, esse tipo de relação apresenta uma implicação erótica, na qual um rapaz nu, deitado de lado em uma cama, está próximo de um homem de mais idade. Esse homem está com o pênis ereto com sua mão no corpo do jovem.

Figura 1: Educação na Grécia Antiga **Figura 2:** Erotismo envolvendo jovem e adulto

Fonte: *Gaie France*, n. 3, out./nov., 1992, p. 24



Fonte: *Gaie France*, n. 1, jun./jul., 1992, p. 13

Outro aspecto muito presente na cultura grega era a nudez masculina, considerada algo natural e sagrado, relacionado à religião, ao intelectualismo, à vida social, aos costumes e à vida cotidiana (ANDRESEN, 1992). Na época, o físico do adolescente tornou-se objeto de uma espécie de valorização cultural muito insistente. A juventude era motivo de preocupação, por parte de adultos, diante de mudanças rápidas e naturais no corpo do jovem e de sua capacidade de fazer surgir o desejo. Existia um temor de ver o jovem perder a sua juventude e beleza (FOUCAULT, 1984).

Da mesma forma, a *Gaie France* registrava a admiração e a valorização pelos corpos juvenis e pela nudez masculina. No caso da Figura 3, vemos que a *Gaie France* reconhecia os valores e os costumes do período da Grécia Antiga como aspectos associados com o tempo presente. Eram valorizados, nas imagens que apresentavam as estátuas gregas, o corpo masculino nu, um padrão de beleza e a concepção de que os jovens deveriam se tornar, homens musculosos, fortes e atléticos.

Figura 3: Idealização de corpo masculino

Fonte: *Gaie France*, n. 1, jun./jul., 1992, p. 56

Foi na Grécia Antiga que o amor por rapazes ganhou ênfase sendo oficializado e relacionado a todo um modo de pensar, à expressão literária, filosófica e artística, conferindo-lhe certa nobreza. Entretanto, essa expressão não está limitada apenas ao contexto cultural e histórico da Grécia Antiga, visto que pessoas e grupos sociais recuperam e adaptam a cultura grega em outros tempos e espaços. Indubitavelmente, as pessoas que faziam parte do universo da *Gaie France* podem ser consideradas como um fenômeno social no qual um grupo cria um imaginário coletivo próprio, associado a um período específico da História e desvinculado da cultura original – no caso a Grécia Antiga, mas adaptado a um novo contexto histórico. Para as pessoas ou os membros desse grupo, suas vidas estavam, intrinsecamente, ligadas aos valores sociais e éticos/morais da Grécia Antiga. Portanto, construir uma memória na *Gaie France* significava recuperar esses valores perdidos ou esquecidos. Uma memória que concedia uma importância significativa à Grécia Antiga como um período de ouro, glorioso e com

muitas referências para as novas gerações que privilegiava os momentos passageiros dos jovens, a “educação”, a amizade, os amores juvenis e uma estética associada à ética.

Essa apropriação da História e essa construção de memória, pela *Gaie France*, representavam uma atribuição de costumes, valores e comportamentos do passado incompatíveis com a mentalidade social e política dos anos 1990, período esse em que a revista foi publicada. Também ofereciam uma perspectiva alternativa à visão aceita pela ciência e ocultava interesses particulares e políticos como, por exemplo, distorcer o passado para justificar a ideia de que os adultos têm o direito de manter o domínio sexual em relação aos jovens, sem levar em consideração que esse tipo de reivindicação pode prejudicar pessoas e desvalorizar os princípios de direitos humanos.

A *Gaie France* não levava em consideração esses pontos, visto que apresentava personagens e costumes do passado com o intuito de criar uma identificação ou uma associação indevida e inadequada com sujeitos do tempo presente.

3.2 *Identidade do pedófilo*

Outros períodos históricos eram abordados na *Gaie France* e serviam para construir uma identidade específica. Vale mencionar que a identidade não é algo natural, estático, pronto e acabado e que só diz respeito ao indivíduo. Na realidade, a identidade é um processo dinâmico, no qual essa identificação é inventada, produzida e negociada entre pessoas e grupos em relacionamentos sociais por meio de uma história, englobando experiências, eventos, interpretações e memórias (LAWLER, 2014). Pollak (1992) explica que a construção de uma identidade envolve a criação de uma imagem de si, para si e para os outros. E que essa construção da autoimagem não é isenta de mudanças constantes, de negociação e de transformação em função dos outros. O autor considera que a memória é um “elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento

de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992). Com esses dados, percebemos que Gaie France dedicava-se em criar uma imagem ou uma identidade para um tipo específico de pedófilo. Para isso, a revista oferecia referências do passado que pudessem construir essa identidade e uma memória grupal. As próximas imagens, as Figuras 4 e 5, retratam professores e crianças e adolescentes nos colégios internos ingleses, exclusivos para meninos, no século XIX.

Figura 4: professor e alunos



Fonte: Gaie France, n. 1, jun./jul., 1992, p. 28

Figura 5: Colégio, Inglaterra, século XIX



Fonte: Gaie France, n. 2, ago./set., 1992, p. 17

As Figuras 4 e 5 expressam que a ligação entre um homem mais velho e um jovem resulta sempre de uma aprendizagem e que os adultos masculinos são os melhores educadores ou companhias para crianças e adolescentes. As vestimentas e a postura dos professores contribuem para um perfil de um adulto que é atraído por jovens com uma sensação experimentada por homens, em outras épocas. Esse adulto representa uma pessoa culta e representante da moral. A concentração dos jovens diante de seus professores indica que esse tipo de relacionamento exclui qualquer forma de violência. Há uma relação de confiança e harmonia

entre os parceiros, tendo como fundamento um equilíbrio baseado no respeito mútuo e na cumplicidade entre ambos.

Ainda enfatizamos que as figuras 4 e 5 buscam também transmitir a ideia de que as sociedades do passado estiveram de acordo sobre a importância do “acompanhamento temporário” do rapaz com uma pessoa mais velha do mesmo sexo. Sociedades essas que incluíam os jovens, as famílias, os professores e as instituições escolares. As Figuras 6 e 7 mostram estudantes, em parques e pátios, uniformizados e disciplinados, nas quais a *Gaie France* valorizava as iniciativas dos professores, manifestando a ideia de que o projeto que envolve o “acompanhamento educacional” de adultos era bem recebido e aprovado pelos jovens, pelas famílias e pelas instituições escolares do passado.

Figura 6: Alunos em parque da instituição escolar no século XIX



Fonte: *Gaie France*, n. 2, ago./set., 1992, p. 16

Figura 7: Alunos em pátio da instituição escolar no século XIX



Fonte: *Gaie France*, n. 2, ago./set., 1992, p. 12

Em síntese, as imagens da *Gaie France*, nesse eixo temático, buscavam construir uma identidade para um tipo específico de pedófilo, na qual ele é apresentado como um educador, um benfeitor, uma boa companhia, uma pessoa não violenta, culta e representante da moral e que a relação dele com menores de idade envolve uma aprendizagem ou uma iniciação para a vida adulta, harmonia, confiança e cumplicidade. Simultaneamente, a intenção da revista era desvincular a imagem desse pedófilo de atribuições que, geralmente, são atribuídas a outros pedófilos pelo senso comum: atribuições do tipo monstro, molestador, doente ou criminoso. Para tal,

a *Gaie France* selecionava os conteúdos que abordavam a pederastia no passado. Era uma estratégia, por meio da qual a *Gaie France* associava a identidade do pedófilo representado na revista à imagem de professor, pederasta e homossexual, pois a *Gaie France* dizia ser direcionada aos *gays*. Isso, porém, era uma tentativa de escapar das críticas sociais. Sendo assim, precisamos discutir essas associações que envolviam a construção de uma identidade específica de um pedófilo na *Gaie France*.

Em primeiro lugar, é oportuno dizer que a atitude da *Gaie France* de selecionar os fatos do passado como, por exemplo, a pederastia e relacioná-la com a homossexualidade no tempo presente, visava à obtenção de conquistas políticas para o movimento de ativismo pedófilo. Convém explicar que os termos “homossexualidade” e “pederastia” têm designações diferentes. Vrissimtzis, (2002) nos lembra que a pederastia na Grécia Antiga não tinha um caráter homossexual e que o conceito da homossexualidade não existia nesse período, tal como o compreendemos atualmente. A pederastia denotava uma afeição espiritual de um homem adulto por um garoto ou uma instituição pedagógica repleta de ideais. Costa (1992) reforça que os gregos eram “pederastas” e não “homossexuais”. De acordo com o autor, a pederastia como a homossexualidade “são duas formas de cristalização do imaginário cultural sobre a potencialidade homoerótica, e não dois nomes para um mesmo referente” (COSTA, 1992, p. 26). Em segundo lugar, a associação da pedofilia com homossexualidade não é verdadeira, apesar de existir no imaginário popular. Resultados de pesquisas já apontaram que *gays* e heterossexuais apresentam as mesmas respostas penianas para representações de crianças, comprovando não ser verdade a afirmação de que *gays* tenham mais interesse sexual por crianças do que heterossexuais (WILLIAMS, 2012). Em terceiro lugar, é inadequado associar o pedófilo aos professores, pois a pedofilia não está restrita a pessoas de uma única categoria.

O trabalho de criar uma identidade específica de um pedófilo, por meio de imagens, evidencia, portanto, que a *Gaie France* lutava pelo reconhecimento de uma imagem de si própria e buscava divulgar essa autoimagem para a sociedade. Nesse processo, eram registradas as próprias interpretações sobre as atribuições associadas a esse pedófilo. Esse fato

tornava a *Gaie France* única no mercado de revistas e em relação às demais publicações impressas. Além disso, essa construção de um tipo específico de pedófilo contribuía na definição de estratégias e de metas. Uma das estratégias da *Gaie France* era estabelecer vínculos com os seus leitores por meio de imagens de modelos e de ensaios fotográficos com jovens.

3.3 Modelos fotográficos e memória

A *Gaie France* era uma revista que apresentava uma característica peculiar: os modelos fotográficos eram crianças, adolescentes e poucos eram adultos, aparentemente, na faixa entre 18 e 30 anos de idade. Os modelos fotográficos eram apresentados de maneiras diferentes: em capas, ensaios fotográficos e reproduções de pinturas e desenhos.

Os primeiros recursos visuais que nos chamam a atenção na *Gaie France* são as imagens das capas, nas quais as crianças e os adolescentes exibem seus corpos parcialmente. No entanto, o corpo não é o único elemento em destaque nas imagens. Os rostos também são elementos importantes. Os olhares dos modelos (para a frente) dão a impressão de mirar o leitor e buscar também o seu olhar, dando a entender que existe um diálogo. Especificamente, a Figura 8 manifesta um caráter provocativo. Nessa figura, o modelo expressa um leve sorriso e um olhar, ambos maliciosos, transparecendo a ideia de que ele está seduzindo o leitor e que há uma cumplicidade com quem o observa. Convém assinalar que os modelos das capas não eram os mesmos que apareciam no interior da mídia. Na Figura 9, contudo, é possível constatar que os modelos, no miolo da revista, reproduziam, exatamente, o mesmo padrão de beleza das capas.

Figura 8: Capa da edição de n. 2Fonte: *Gaie France*, n. 2, ago./set., 1992**Figura 9:** Modelo com nudez frontalFonte: *Gaie France*, n. 7, jun./jul., 1993, p. 75

Outro aspecto verificado, na *Gaie France*, diz respeito à necessidade de registrar os jovens em ensaios fotográficos. Os rapazes representam um padrão étnico: europeu e de tonalidade de pele branca. Eles são de aparência muito jovem, magros, desprovidos de barbas e sem pelos, com exceção daqueles distribuídos na região pubiana e nas axilas¹¹. Como podemos notar na Figura 9, havia uma sensualidade nas fotos e um apelo sexual. A exposição de nus frontais, alguns com ereção, era muito explorada pela *Gaie France*. Desse modo, as imagens eram associadas à virilidade, a uma conduta masculina e à atividade sexual, tornando o corpo uma ferramenta poderosa de comunicação na revista. A sensualidade também era marcada pela expressão facial dos modelos, como se eles estivessem seduzindo quem os observava, ou seja, a mesma estratégia utilizada nas capas. O olhar fixo para frente em direção aos leitores e a nudez dos rapazes – modelos sem roupa, sexualmente estimulados e entregues como um produto a ser consumido – indicam que a *Gaie France* utilizava esses elementos com o objetivo de despertar o desejo sexual de seus leitores para esse tipo de abordagem e, consequentemente, desenvolver uma espécie de vínculo com eles.

¹¹ As imagens publicadas nas edições da *Gaie France*, que abordavam a nudez masculina, demonstram um padrão estético valorizado pela revista, no qual os pelos pubianos dos modelos não eram aparados ou depilados.

Os ensaios fotográficos também apresentavam outras questões. Na Figura 10, o jovem aparece de sunga próximo a uma estátua grega. O intuito era transmitir a mensagem de que existe uma ligação entre a juventude e a cultura da Grécia Antiga. Na Figura 11, os garotos são fotografados em grupo e nus. A *Gaie France* buscava demonstrar na imagem uma normalidade, uma naturalidade na cena retratada, a ausência do sentimento de vergonha, por parte dos garotos, por estarem sem roupas diante de um adulto. Apontando para um modo de vida, sem pressões da sociedade, saudável, alegre, fraterno e em um tipo de situação que lhes oferece liberdade sem nenhum prejuízo.

Figura 10: Criança ao lado de uma estátua grega



Fonte: *Gaie France*, n. 7, jun./jul., 1993, p. 54

Figura 11: Ensaio fotográfico com jovens nus



Fonte: *Gaie France*, n. 1, jun./jul., 1992, p. 42

As Figuras 10 e 11 são indicativas e nos ajudam a levantar hipóteses de que os fotógrafos utilizavam a própria memória, critérios estéticos e subjetivos retratando a cultura da Grécia Antiga e participavam ativamente na construção das imagens e projetavam nelas as próprias expectativas e fantasias. Acreditamos que esses profissionais indicavam as poses dos menores que agradavam a si próprios e que acreditavam ser também do gosto de seu público.

De acordo com duas reportagens, sem autoria, publicadas na *Gaie France*¹², alguns dos ensaios fotográficos com os modelos masculinos foram realizados entre as décadas de 1910 e 1980 em ambientes naturistas da Europa – como, por exemplo, na Alemanha – que serviam de local para essas atividades. Ainda, segundo a revista, os modelos fotográficos tinham entre 13 e 18 anos de idade. As imagens realizadas nesse período foram colecionadas, conservadas, organizadas e concedidas, pelos fotógrafos ou proprietários que adquiriram esses materiais, para serem publicadas na *Gaie France* na década de 1990. Isso comprova que eles tinham um caráter memorial e afetivo com as fotografias. Assim, os ensaios fotográficos com os modelos masculinos permitiam criar uma memória tanto para os fotógrafos como para a *Gaie France*, na qual os jovens de ontem, inevitavelmente, transformam-se em homens no futuro. Para ilustrar essa questão, a Figura 12 exhibe a preocupação com as expectativas futuras e o cuidado dos fotógrafos com as fotografias muito bem preservadas de jovens nus, guardadas em um envelope e em uma caixa, comprovando o valor sentimental do material como um instrumento ou um guardião de memória.

Figura 12: Envelope e caixa com fotografias antigas



Fonte: *Gaie France*, n. 2, ago./set., 1992, p. 29

12

1) Uma estética da juventude. *Gaie France*. Lisboa: Associação dos Amigos da *Gaie France Magazine*, n. 2, ago./set. 1992; 2) Hajo Ortil ou “Big Old Joe”. *Gaie France*. Lisboa: Associação dos Amigos da *Gaie France Magazine*, n. 1, jun./jul. 1992.

Segundo La Marche (1993b), os ensaios fotográficos com os modelos e as coleções de fotografias podem ser entendidas sob três ângulos:

1. Os fotógrafos daquela época sabiam que a juventude abrange um caráter efêmero e que os jovens se transformam rapidamente em adultos. Eles sentiam, pois, a necessidade de registrar e de fixar a juventude desses jovens, condenada a desaparecer e guardá-la para as recordações futuras. Essa luta contra o esquecimento e a fugacidade explica o porquê de os admiradores de jovens desejarem fotografá-los nus e, às vezes, em posições sensuais, sozinhos ou com outros de sua idade.
2. As fotografias correspondem às relações eróticas dos fotógrafos com seus modelos, ou seja, a relação erótica se completava com a fotografia, na qual eles fixaram os aspectos que os interessavam na transformação do jovem em homem. As coleções de fotografias representavam, portanto, uma espécie de documentos biográficos eróticos e sensuais.
3. O trabalho de colecionar as fotografias permitia aos colecionadores trocá-las ou vendê-las com outros amantes de jovens, em particular com aqueles que não podiam vivenciar uma relação sexual ou amorosa com esses garotos. Esse “companheirismo grupal” permitia a esses homens satisfazer os seus desejos com a apreciação de imagens produzidas por amantes mais afortunados. Por outro lado, esse tipo de prática poderia ser perigoso. A *Gaie France* registrou a preocupação dos fotógrafos em manter em segredo as imagens realizadas nos ensaios fotográficos com os jovens. Na maioria dos países, nas últimas décadas, a produção de imagens de menores em situações impróprias foi proibida. Diante dessa situação, algumas imagens eram registradas com câmeras instantâneas Polaroid. Essa estratégia evitava a divulgação das fotos com os profissionais que revelavam os negativos de filmes antigos e os processos judiciais.

As reproduções de pinturas e de desenhos publicados na *Gaie France* revelam-nos que as pinceladas e os rabiscos evidenciam o uso da memória, a reconstrução e a valorização de determinadas posições do corpo e de expressões faciais. As reproduções de pintura da Figura 13 e a do desenho da Figura 14 mostram o interesse dos artistas em destacar a anatomia dos corpos de rapazes, dando ênfase à exposição espontânea da genitália; as posições sensuais; os olhares dos rapazes para os leitores; e a riqueza de detalhes nas duas obras.

Figura 13: Reprodução de pintura

Fonte: *Gaie France*, n. 2, ago./set., 1992, p. 37

Figura 14: Reprodução de desenho

Fonte: *Gaie France*, n. 4, dez. 1992/jan. 1993, p. 34

As imagens dos modelos registradas nas capas, nos ensaios fotográficos e nas reproduções de pinturas e desenhos evidenciam que os corpos de crianças e adolescentes eram publicados na *Gaie France* com o intuito de desenvolver uma espécie de vínculo dos leitores com a revista. Além disso, os corpos eram associados à cultura grega e aos aspectos como virilidade, masculinidade e ato sexual. Em se tratando dos fotógrafos, pintores e desenhistas, constatamos que esses profissionais utilizavam a própria memória, suas expectativas e fantasias nas obras produzidas.

3.4 Perfil do jovem

As imagens publicadas na *Gaie France* buscavam delinear algumas características para as crianças e os adolescentes. Nesse trabalho de composição, o interesse da revista era comprovar que os jovens gostam de esportes e atividades exercidas pelos adultos, ou melhor, que há interesses em comum, entre ambos. Na Figura 15, a *Gaie France* registrou o interesse de um jovem pela bola e pelo futebol e, na Figura 16, expressou

a preocupação de retratar um jovem montado em uma moto, um meio de transporte específico do adulto.

Figura 15: Criança e sua atividade de lazer



Fonte: *Gaie France*, n. 3, out./nov., 1992, p. 29

Figura 16: Jovem em atividade adulta

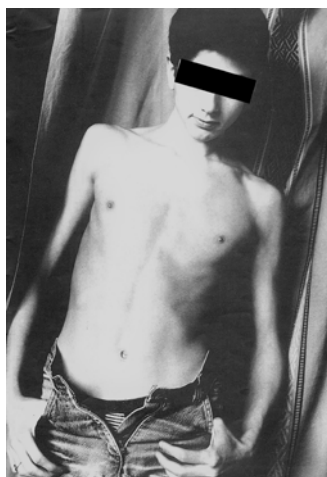


Fonte: *Gaie France*, n. 7, jun./jul., 1993, p. 66

As imagens revelam também a importância da *Gaie France* no reconhecimento da sexualidade e da liberdade sexual de crianças e adolescentes. A revista buscava romper com as proibições da sociedade, liberar os jovens de todos os moralismos e destacar que eles têm o direito de viver, intensa e tranquilamente, a própria sexualidade desde muito cedo. A Figura 17 assume a ideia de que, apesar de o jovem ser considerado juridicamente menor, ele seria, na verdade, fisicamente maior. A Figura 18 defende que o jovem tem uma sensualidade natural, espontânea e erótica e que ele é capaz de seduzir e provocar o ato sexual. A imagem expõe um menino olhando para frente, sem camisa e com o zíper da calça aberto, mostrando sua cueca.

Figura 17: Criança com corpo de adulto **Figura 18:** Jovem e sedução

Fonte: Gaie France, n. 8, set./out., 1993, p. 62



Fonte: Gaie France, n. 1, jun./jul., 1992, p. 59

Essas imagens, além de evidenciar que os jovens são dotados de uma sexualidade, defendem a possibilidade de crianças e adolescentes exercerem atividades sexuais. Mas, é necessário criticar esse discurso da *Gaie France*. Os estudos de Freud (2016) comprovam a existência de uma sexualidade infantil na criança.¹³ Entretanto, é relevante destacar que o desenvolvimento sexual da criança e do adolescente é gradativo. Em se tratando de sexualidade, os jovens sentem um misto de curiosidade e aversão em relação ao sexo. Isso só mudará com o tempo, à medida que eles forem crescendo e incorporando, naturalmente, outras concepções sobre a própria sexualidade. Verhoeven (2007, p. 555 e 556) completa que “apesar de a criança possuir sexualidade e a exercitar, devemos observar essa situação como um treino, uma espécie de ensaio para que possa bem exercê-la quando madura”. Diante desses fatores, não faz sentido defender que menores de idade exerçam atividades sexuais na infância e na adolescência.

13

Freud (2016) distingue sexualidade (prazer) e reprodução (perpetuação da espécie).

É possível constatar, por meio da análise das imagens nesse eixo temático, que a *Gaie France* delineava um perfil para os jovens¹⁴ e demonstrava ter uma postura militante em defesa do relacionamento sexual de adultos com crianças e adolescentes. Ademais, os discursos presentes nas imagens publicadas na *Gaie France* não consideram a vulnerabilidade inerente a crianças e adolescentes e as consequências nefastas contra a dignidade e a integridade psíquica ou física de menores de idade.

Em contrapartida, Rodrigues (2008) e Williams (2012) relatam o seguinte argumento: quando o menor é inserido em atividades sexuais inapropriadas para sua idade, gera-se uma agressão na evolução saudável de sua sexualidade e de sua vida social como um todo, podendo causar uma série de efeitos nocivos, a curto e a longo prazo. Como, por exemplo, problemas no desenvolvimento da própria sexualidade, síndrome de medo, Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), depressão, exclusão social, dificuldades de relacionamentos e sentimentos de menos-valia, entre outros, de repercussões incalculáveis para o desenvolvimento futuro desse jovem. Vale dizer que o trauma, decorrente de um abuso sexual em um jovem, não diz respeito ao momento exato em que ocorreu o fato. Na verdade, o trauma é construído *a posteriori*, em outras temporalidades. Refere-se às recordações do momento em questão, em função de novas experiências vivenciadas pelo jovem.

3.5 Leis e consentimento

As imagens também focaram em temas como leis que determinam a idade de consentimento para o ato sexual. Para a *Gaie France*, as leis, além de limitarem a idade de consentimento para o ato sexual, criminalizam e castigam injustamente o adulto que pratica sexo com jovens. A Figura 19 mostra a força da lei, representada por um policial, em um plano superior, durante um flagrante do ato sexual entre um adulto e um menor. A imagem transmite a ideia de que a lei e as instituições do Estado são

14

Não foi possível determinar a existência de um recorte de classe. Porém, algumas imagens representam jovens dos colégios ingleses de classe social alta e acreditamos que alguns jovens retratados podem ser de camadas pobres e alvos de exploração por serem de áreas periféricas.

sistemas invasores e que atrapalham a vida dos adultos que praticam sexo com menores de idade. Além disso, as imagens retratavam o poder das leis que, geralmente, são acionadas pelas famílias em situações que envolvem os jovens em atividades sexuais com adultos. A Figura 20, por exemplo, exibe um menino nu correndo, transparecendo que ele está com medo diante de uma situação traumatizante e de perigo e, ao fundo, figuras humanas obscuras e sombrias segurando objetos e perseguindo o menor. A imagem quer difundir a informação de que as famílias, com suas religiões e moralismos, traumatizam o menor com os comportamentos negativos, dos pais e de outros familiares, quando a relação sexual com um adulto é descoberta.

Figura 19: O policial e a Lei



Fonte: Gaie France, n. 4, dez. 1992/jan. 1993, p. 24

Figura 20: Famílias e o jovem



Fonte: Gaie France, n. 4, dez. 1992/jan. 1993, p. 23

As imagens demonstram também a preocupação da *Gaie France* em comprovar que as intervenções das instituições do Estado, com seus agentes e suas atividades, – interrogatórios policiais, exames psicológicos, julgamentos, afastamento obrigatório e aprisionamento do “companheiro adulto” – desenvolvem o sentimento de culpabilidade no menor, transformando em desagradável e negativa o que a princípio foi uma experiência agradável, positiva e harmônica. A Figura 21 ilustra bem essa constatação. A imagem descreve a cena de um interrogatório em que um funcionário

da justiça faz perguntas íntimas a um menino chorando. As perguntas abordam o ato sexual dele com um adulto. A revista quer evidenciar não só o papel traumatizante da justiça que focaliza apenas os detalhes pornográficos dos atos sexuais em seus mínimos detalhes, mas também que a única função da vítima é fornecer informações à polícia para culpar o acusado a qualquer preço.

Figura 21: Interrogatório



Fonte: *Gaie France*, n. 4, dez. 1992/jan. 1993, p. 20 e 21

Por todos esses aspectos, de acordo com a *Gaie France*, a família e o Estado são, com suas leis que abordam a idade de consentimento para as relações sexuais e seus moralismos, os agentes responsáveis por traumatizar os jovens quando esses participam de atos sexuais com os adultos. Desse modo, a revista transmitia a culpa para essas instituições e, ao mesmo tempo, criava um tipo de negacionismo de que o ato sexual de adultos com menores não causa sequelas. Tratava-se, pois, de uma estratégia organizada pela *Gaie France*, destinada a ocultar a verdade e destruir tudo o que o meio de comunicação negava. Seu intuito era dispersar os que se opusessem aos seus argumentos ou era uma forma de escapar das críticas sociais e

também minimizar ou silenciar uma outra realidade, a vulnerabilidade e as consequências traumáticas que podem acometer crianças e adolescentes quando são expostos em situações em que não estão preparados. Então, como demonstrou Silva (2016), as imagens podem propagar um sentimento de identidade, de cultura e de política e servem aos interesses de grupos na luta por reconhecimento diante de adversidades sociais.

Para a *Gaie France*, as leis que determinam a idade de consentimento para o ato sexual significam obstáculos e, por esse motivo, a mídia militava pela eliminação ou reformas dessas regulamentações. Em relação a esse discurso da revista, é necessário realizar alguns apontamentos. De acordo com o artigo 217-A do Código Penal Brasileiro (BRASIL, 2004), qualquer conjunção carnal ou ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos é considerado crime. Ademais, do ponto de vista de boa parte da população mundial, qualquer tipo de experiência sexual só pode acontecer por meio do consentimento e qualquer outra forma de sexo é interpretada como ilegal, violenta ou criminosa. Na visão de Rodrigues (2014), o consentimento se concretiza a partir de dois componentes básicos: a pessoa deve ter consciência do que está consentindo e precisa ter liberdade para dizer sim ou não. Para o autor, crianças e adolescentes são incapazes de consentir experiências sexuais com adultos por causa da condição de vulnerável e de tutela. Ele defende que os jovens, muitas vezes, não têm liberdade de dizer sim ou não a um adulto, tanto do ponto de vista legal quanto do ponto de vista psicológico. As observações de Rodrigues (2014, p. 66 e 67) são fundamentais para entender essa nuance da questão:

Do ponto de vista legal, a criança está sob a autoridade de um adulto e não tem livre escolha. Do ponto de vista psicológico, a criança tem dificuldade em dizer não a um adulto, sobretudo porque o adulto normalmente detém todos os tipos de recursos em suas mãos: afeto, comida, dinheiro, abrigo e segurança. Nesse sentido, a condição da criança é como a de um prisioneiro, por estar completamente rendida nas mãos de uma autoridade ou instituição. Por isso, a maioria dos casos em que parece haver sexo consensual pode ser apenas uma resposta ao poder exercido pela pessoa em posição de autoridade.

Convém acrescentar que, na Constituição Federal (BRASIL, 2004, p. 8 e 9), o artigo 1º, inciso III garante “a dignidade da pessoa humana” e, no artigo 4º, inciso II, a “prevalência dos direitos humanos” como princípios fundamentais em todo território brasileiro. Dessa maneira, é inviável modificar as leis e conceder a um adulto a liberdade de praticar sexo com crianças e adolescentes e diminuir a idade mínima consensual aos militantes do movimento de ativismo pedófilo, pois é um tipo de situação que pode trazer consequências prejudiciais, a curto ou longo prazo na vida dos menores. Além disso, tais concessões violam o direito de pessoas que estão em fase de desenvolvimento e, por esse motivo, esses jovens necessitam de cuidados e amparo especiais. Nesse sentido, não é possível conceder liberdade de um adulto a praticar relações sexuais com crianças, visto que se tornariam objetos e não sujeitos da relação.

Considerações finais

Em virtude do que foi mencionado, foi possível analisar que a *Gaie France* apresentava objetivos peculiares com as publicações das imagens. Esses recursos visuais tinham um caráter simbólico, visto que a revista buscava criar uma imagem para si e para a sociedade. O simbolismo nas imagens servia para registrar e comprovar a veracidade dos fatos apresentados e conceder às pessoas que faziam parte da revista o sentido de uma identidade e de pertencimento a um grupo, por meio de uma memória compartilhada, ou até mesmo uma espécie de negociação. Era uma identidade mesclada com o sentimento de supremacia masculina, branca e europeia e com argumentos sobre a pedofilia.

Para a *Gaie France*, os seus leitores necessitavam de referências culturais e históricas para o aumento da autoestima deles. Com essa visão, o meio de comunicação produzia vínculos entre as pessoas que eram responsáveis por sua criação e os seus leitores e defendia os argumentos do movimento de ativismo pedófilo, do qual a revista fazia parte. Dessa forma, o significado de memória construído na *Gaie France*, no início da década de 1990, apresentava um viés político articulado com as demandas da época.

A memória e as imagens eram peças fundamentais e instrumentos representativos e impositivos na luta por um projeto de poder, o qual objetivava, principalmente, obter transformações sociais e políticas na sociedade, tais como a aceitação pública dos sentidos construídos sobre a pedofilia na revista e a anulação das leis que criminalizam a prática sexual com pessoas de idade inferior ao mínimo legal estabelecido por parte do Estado, em países onde a *Gaie France* era comercializada.

Para isso, o meio de comunicação realizou um revisionismo ideológico, pautado no anacronismo e na seletividade dos conteúdos. Essa estratégia argumentativa e política envolve questões que precisam ser mencionadas. A reescrita do passado tinha como base uma visão patriarcal de dominação masculina e visava defender a ideia de que as pessoas tinham o direito de reivindicar e manifestar, publicamente, quem são os objetos de seus desejos. Nesse caso, com uma visão machista, crianças e adolescentes eram apresentados como instrumentos de prazer sexual, sem conceder a devida importância às suas personalidades e vulnerabilidades. Tratava-se de uma manipulação, na qual uma situação atual era interpretada a partir de fatos do passado e sistemas de dominação e visavam impor hierarquias e violências culturais; enfatizar o lugar do dominante e do dominado, ou seja, de adultos em relação aos jovens; registrar determinadas ideias sobre comportamentos e a pedofilia no meio social; e interferir no direcionamento das ações de pessoas que liam a revista.

A intenção dos criadores da *Gaie France* não era construir apenas um veículo de comunicação, de informação e de entretenimento, mas também uma fonte de História e de memória para seus leitores, na qual a virilidade estava relacionada à atividade sexual, a uma atitude masculinizada e ao desejo sexual por jovens. Para tanto, foi criado um passado mítico marcado por lembranças registradas em imagens, por tradições antigas, por uma nostalgia e pelo desejo de regresso de comportamentos e práticas de outros períodos históricos como aspectos que precisavam ser valorizados e legitimados na *Gaie France*. Essa compreensão histórica e coletiva tinha como objetivo prático conceder aos leitores da revista uma identidade, caracterizada por uma percepção temporal, e uma orientação intencional em ações relacionadas aos jovens. Era uma estratégia que buscava oferecer

às pessoas que liam a *Gaie France*, o esquecimento da culpa e isentá-las sobre as responsabilidades de seus atos.

É aceitável e produtivo acessar os processos históricos, principalmente, interrogar o passado a partir de questões que nos afetam atualmente como, por exemplo: racismo, homofobia, violência, disseminação do ódio, avanço do fascismo, aumento da fome, da pobreza e das desigualdades, abuso sexual e pedofilia. Isso é fundamental para o entendimento de outros períodos históricos e do presente, para a ampliação de debates e de criação de políticas públicas.

É necessário, todavia, levar em consideração que os posicionamentos avaliativos sobre o passado devem ser feitos com responsabilidade, uma vez que podem causar um impacto no imaginário individual e coletivo em decorrência das variadas interpretações no meio social. É importante que a reescrita do passado e a construção de memórias não contenham manipulações abusivas de informações históricas a favor de: ideias racistas, homofóbicas, machistas, xenófobas e preconceituosas; argumentos que possam contribuir para a incitação do ódio, a desvalorização dos direitos humanos, o sofrimento de pessoas. Ao contrário disso, a reescrita do passado e a memória podem contribuir para a construção de pautas relevantes e estimular a crítica e debates de temas importantes para a sociedade, evitar o apagamento de sujeitos e de temáticas e propor leituras do passado que colaborem para um futuro com mais tolerância e respeito entre as pessoas.

A *Gaie France* não existe desde dezembro de 1993, entretanto, com o uso do revisionismo ideológico, outras associações inseridas no movimento de ativismo pedófilo continuam, ainda nos dias atuais, praticando a militância. Só que, dessa vez, por meio dos *sites*, tentando influenciar a subjetividade de internautas e defendendo os mesmos discursos da *Gaie France*. Um exemplo disso é a NAMBLA (*Nort-American Man/Boy Love Association*) que diz ser benéfico para crianças e adolescentes praticar sexo com adultos, tal como feito na Grécia Antiga. O revisionismo ideológico utilizado por essas associações é uma forma intencional de transmitir valores e crenças. Sendo assim, essa estratégia argumentativa tem uma potencialidade, uma responsabilidade e não está desvinculada de ações.

As imagens publicadas na *Gaie France* e a construção de memória revelam, portanto, o sistema patriarcal, a desigualdade de poder entre adultos e menores de idade e que os argumentos apresentados nesses recursos visuais não são fatos isolados, mas sim um problema estrutural que estatisticamente afeta muitas pessoas. Para alguns segmentos da sociedade, esses argumentos são delicados, feios e desconfortáveis, porque revelam detalhes sobre a nossa cultura que, segundo eles, devem permanecer silenciados. Mas, se não discutirmos esses argumentos, então, seremos parte do problema, pois estaremos contribuindo com as associações do movimento de ativismo pedófilo e com os agressores sexuais que tentam banalizar os discursos apresentados na *Gaie France*. Com essa banalização, o problema deixa de ser interpretado como tal e torna-se comum, “normal” e invisível socialmente.

Referências

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *O Nu na Antiguidade Clássica*. 3. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.
- ARIÈS, P. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ARIÈS, P; BÉJIN, A. (Orgs.) *Sexualidades Ocidentais*. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. 2. ed., São Paulo: editora Brasiliense, 1986, p. 77-92.
- BRASIL. Leis e Decretos. *Estatuto da criança e do adolescente*: Lei nº. 8.069, de 13/07/1990 – Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2013.
- BRASIL. *Constituição Federal, Código Civil (2002/1916), Código de Processo Civil, Código Penal, Código de Processo Penal*: legislação complementar fundamental (Organização editoria jurídica da Editora) 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2004.
- CID-10. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10*: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artmed, 1993.

- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico] [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.
- FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade* 2. O uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901 – 1905)*. v. 6, 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FUNARI, Pedro Paulo. Anacronismo e apropriações. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). *Novos combates pela História: Desafios – Ensino*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 115-146.
- GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. In: DODEBEL, Vera.; FARIAS, Francisco Ramos de; GONDAR, Jô (Org.). *Por que memória social?* 1. ed. Rio de Janeiro: Híbrida, 2016. p. 19-40.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013, p. 91.
- JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LANDINI, Tatiana Savoia. Violência Sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 225-252, 2006.
- LAWLER, Stepy. Introduction: Identity as a question. In: _____. *Identity*. Cambridge: Polity Press, 2014. p. 1-22.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 419-476.
- LOWENKRON, Laura. As várias faces do cuidado na cruzada antipedofilia. *Anuário Antropológico*, Brasília UnB, v. 41, n. 1, p. 81-98, 2016.
- _____. A cruzada antipedofilia e a criminalização das fantasias sexuais. *Revista Latinoamericana: Sexualidad, Salud y Sociedad*. n. 15, p. 37-61, 2013.

- NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). *Novos combates pela História: Desafios – Ensino*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 85-114.
- PAIXÃO, Luciano de Pontes. *Pederastia e pedofilia na Gaie France: uma crítica sobre a produção de subjetividades em uma revista publicada na década de 1990*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2018.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, p. 200-212, 1992.
- RODRIGUES, Herbert. *A pedofilia e suas narrativas*. Uma genealogia do processo de criminalização da pedofilia no Brasil. (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- RODRIGUES, Willian Thiago de Souza. A pedofilia como tipo específico na legislação penal brasileira. *Âmbito Jurídico*, n. 59, Rio Grande, 2008.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 19 e 90. (Coleção Primeiros Passos)
- SILVA, Sergio Luiz Pereira da. Desafios metodológicos em memória e fotografia. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco Ramos de; GONDAR, Jô (Org.) *Por que memória social?* 1. ed., Rio de Janeiro: Híbrida, 2016. p. 309-322.
- VERHOEVEN, Suheyla Fonseca Misirli. Um olhar crítico sobre o ativismo pedófilo. *Revista da Faculdade de Direito de Campos*, ano 8, n. 10, p. 547-569, 2007.
- VRISIMTZIS, Nikos. *Amor, sexo & casamento na Grécia Antiga*. Um guia da vida privada dos gregos antigos. São Paulo: Odysseus, 2002.
- WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. *Pedofilia: identificar e prevenir*. São Paulo: Brasiliense, 2012.